

**O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA
LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)**

**THE ETERNAL SON: A COMPARATIVE ANALYSIS OF LITERARY
WORK (2007) AND CINEMATOGRAPHIC PRODUCTION (2016)**

Lohana Larissa Mariano Civiero (UNIOESTE)¹

Renan Fabrício Lorenzatto da Silva (UNIOESTE/FAADCT/PR)²

Renan Paulo Bini (UNIOESTE/CAPES)³

RESUMO: A pesquisa objetiva comparar a obra literária *O filho eterno*, de Cristovão Tezza (2007) à adaptação cinematográfica, de mesmo título, produzida por Rodrigo Teixeira (2016). A diegese literária demonstra como um casal reage à chegada de um filho com Síndrome de Down à família na década de 1980. A partir disso, a narrativa expõe as dificuldades, os desafios e as vitórias da família no processo de criação do filho com síndrome de Down. O filme segue a narrativa principal do livro, porém, com alguns aspectos díspares do que é retratado na obra impressa. Assim, o presente estudo, de cunho qualitativo, parte do cotejo de correntes teóricas inseridas na Literatura Comparada e na Teoria Literária, e considera a pesquisa de Carvalhal (2006), Carreira (2015), Mesquita (1989), Candido *et al.* (2014), Leite (2007), entre outros pesquisadores. O interesse desta pesquisa consiste em verificar as particularidades, perspectivas e circunstâncias dos fatos narrados no livro e mostrados no filme, traçando um paralelo entre as duas produções e apresentando suas similaridades e diferenças.

Palavras-chave: O filho eterno. Cristovão Tezza. Literatura.

ABSTRACT: This paper aims to compare the book *The eternal son*, written by Cristovão Tezza (2007), between literature and cinematographic adaptation that was produced by Rodrigo Teixeira (2016). The diegese literary shows how a couple react with the arrival of a son with Down's Syndrome in the 80s. From that, the narrative exhibit family difficulties, challenges and victories raising a child with Down's Syndrome. The film follows the main narrative of the book, however, there are some different aspects in it. Therefore, this study use the theoretical assumptions of Comparative Literature and Literary Theory, and considers as references the studies of Carvalhal (2006), Carreira (2015), Mesquita (1989), Candido *et al.* (2014), Leite (2007), among others researchers. The interest of this research is to verify the peculiarities, perspectives and circumstances of the facts narrated in the book and shown in the film, tracing a parallel between the two productions and presenting your similarities and distinctions.

KEYWORDS: *The eternal son. Cristovão Tezza. Literature.*

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Mestrando em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAADCT/PR).

³ Doutorando em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista CAPES. E-mail: renanpaulobini@hotmail.com

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

1 Considerações iniciais

A obra *O filho eterno*, desenvolvida por um dos mais importantes escritores da literatura contemporânea brasileira, Cristovão Tezza, foi publicada pela primeira vez no ano de 2007, tendo como gênero literário o romance. Após isso, a obra teve uma versão portuguesa, lançada em 2008, e traduções em diversas línguas, como o inglês, italiano, francês, catalão etc.

O livro se inicia na década de 1980 e conta a história de um casal que espera o seu primeiro filho. Após o nascimento do bebê, é percebido que a criança é diferente. Após alguns exames, logo nos primeiros meses de vida daquele menino, é descoberto que a criança possui Síndrome de Down, a qual ocorre devido a existência extra (total ou parcial) do cromossomo 21. Tal distúrbio genético é tratado como “mongolismo” na época em que se passa a história. A partir disso, a narrativa expõe as dificuldades, os desafios e as vitórias que acontecem com Beto, pai do menino, no processo de criação do filho com a síndrome de Down.

O filho eterno se tornou uma das grandes obras de Cristovão Tezza, ganhando importantes prêmios literários, como o de Melhor Livro do Ano de 2008, no Prêmio São Paulo de Literatura; o Melhor Romance de 2008, no Prêmio Jabuti, entre outros. Além disso, a obra ganhou o prêmio internacional Portugal Telecom, em 2008, e o Prix littéraire Charles-Brisset, em 2009. Também, os críticos literários e jornalistas de importantes veículos de comunicação do Brasil elogiaram e recomendaram o título.

Alguns anos mais tarde, em 2011, a obra foi adaptada para uma peça teatral por Bruno Resende, tendo Daniel Herz como diretor e Charles Fricks como ator. No mesmo ano, a peça foi eleita pelo O Globo como uma das melhores de 2011.

Ademais, em 2016, *O filho eterno* ganhou uma versão cinematográfica lançada especificamente no dia primeiro de dezembro daquele ano com o mesmo título do livro. O filme segue a diégese principal do livro, porém, há alguns aspectos díspares do que é retratado na obra impressa, como o nome do filho do casal que na obra literária se chama Felipe e no cinema é chamado de Fabrício. Além disto, há personagens que existem na literatura e não existem no audiovisual e vice-versa.

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

Tendo em vista tais características, a partir dos estudos sobre enredo, de Mesquita (1989), dos estudos da personagem do romance, de Candido *et. al* (2014) e das concepções da Literatura Comparada, serão analisadas as particularidades, perspectivas e circunstâncias dos fatos narrados no livro e mostrados no filme, traçando um paralelo entre as duas produções e apresentando suas similaridade e diferenças.

2 Algumas reflexões sobre a Literatura Comparada: confluências e dissemelhanças entre a Literatura e o Cinema

Conforme Carvalhal (2006, p. 05), a Literatura Comparada, “usada no singular mas geralmente compreendida no plural, designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas”. Na perspectiva de Carreira (2015), estudos inseridos nesta área de pesquisa são extremamente importantes, uma vez que possibilitam, por meio da análise de produtos culturais, como livros e filmes, a compreensão de aspectos exteriores às obras, como a cultura e a ideologia intrínsecas nestes produtos. Para a autora, essa compreensão de elementos exteriores às obras analisadas é possível devido ao caráter interdisciplinar da Literatura Comparada, que se liga, muitas vezes, à filosofia, aos estudos culturais, à psicanálise, à sociologia etc. Este pensamento converge com o exposto por Cabrera e Alós (2016):

A Literatura Comparada vem sofrendo uma mudança profunda, por englobar o conhecimento das diferenças culturais, da escrita, da linguagem, das tradições sociais e morais. Desse modo, o comparatismo expressa todo estudo sobre a diversidade. A literatura comparada passou a analisar a cultura e outros campos, como a sociologia, filosofia, psicanálise, além das relações intersemióticas. Analisando pontos que se referem aos aspectos ideológicos, identidade cultural entre outros, essa nova abordagem da literatura mostra-se cada vez mais como uma cisão entre dois paradigmas distintos no interior das pesquisas comparativistas, especialmente no que diz respeito à abordagem tradicional. Se, por um lado, segue-se com a tradicional prática desta disciplina (fazer analogias e comparar fatos que podem ser tidos como processos próprios do ser humano, na busca de conhecimento de si e do outro, entre culturas e realidades tão diferentes), que nos fazem notar um permanente confronto com o conhecimento do outro. Assim, os estudos comparados necessitam de uma contextualização, através de diálogos que ultrapassam os limites do texto (CABRERA; ALÓS, 2016).

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

Carvalho (2006) destaca, em sua obra, que a comparação é um comportamento natural do ser humano. Por outro lado, a autora afirma que a comparação, quando realizada em uma análise científica, é diferente do simples ato humano, pois necessita de um método analítico e interpretativo. Assim, o presente estudo utiliza como referência metodológica, para traçar comparações, estudos sobre enredo, de Mesquita (1989), e estudos da personagem do romance, de Candido *et. al* (2014), entre outros autores.

Carvalho (2006) também aponta para a necessidade de se considerar o confronto entre obras diferentes. No caso da Literatura comparada, considera-se, por exemplo, obras de autores diferentes e/ou publicadas em diferentes meios (como a comparação de uma diegese apresentada, inicialmente, em livro e depois transposta em formato de seriado televisivo). Assim, sendo um meio, e não um fim, a Literatura Comparada é uma forma de “exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe” (CARVALHAL, 2006, p. 07). De acordo com a autora,

o comparativismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o reforço teórico-crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais (CARVALHAL, 2006, p. 86).

Sobre a comparação entre uma obra cinematográfica e uma obra literária, pode-se recorrer Rebello (2012). Segundo a autora, “comparação entre romance e filme cabe reflexão concernente aos dois sistemas semióticos, no sentido de demonstrar questões como a opinião do escritor relativamente ao filme, as dificuldades da adaptação do romance, bem como a liberdade (re)criativa do realizador” (REBELLO, 2012, p. 10).

Cabe aos analistas considerar, por exemplo, que mesmo quando a obra cinematográfica é uma adaptação de uma obra literária, trata-se de objetos diferentes, que possuem diferentes influências, contextos, intencionalidades e elementos de focalização, por exemplo. Assim, conforme a autora,

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

Uma diferença significativa é como os resultados de uma e de outra obra são recebidos pelo público. A multiplicidade de sentidos espelhada em cada uma é absorvida de modo totalmente diferente. Na literatura, se manifesta através do uso poético de uma única materialidade: a palavra. No filme, é preciso a interação de materialidades diversas: a palavra, o ruído, a música e a imagem com os subsistemas que ela abarca. No processo de adaptação, o cineasta pode optar por uma adaptação parcial da obra, por uma síntese das obras de um autor, ou ainda pela tradução fiel. Cabe indagar: qual das capas de significação (e interpretações possíveis) co-presentes no(s) texto(s) literário(s) será privilegiada pelo cineasta-tradutor na tradução fílmica? (REBELLO, 2012, p. 10).

Há que se ressaltar que, enquanto os livros constroem seus efeitos de sentido a partir das escolhas lexicais de um autor, por meio da palavra escrita, no cinema, a construção dos sentidos envolve também os signos imagéticos e é atravessada pela lente das câmeras, a escolha dos cenários, atuação dos atores, a adaptação e direção do roteiro por parte da direção, a edição do filme, entre outros elementos.

3 O filho eterno: uma proposta de análise comparativa

Para que uma história seja contada, é necessário que sejam apresentados e representados os fatos que nela ocorreram. Além disso, os personagens desta determinada história já estão inclusos, uma vez que os acontecimentos e a história, como um todo, giram em torno destes. Nesta perspectiva, temos o sentido de “arranjo”, que a palavra enredo assume aqui. Quando uma determinada história é contada até o seu final, ocorre o que Mesquita (1989) chama de desfecho do enredo. A autora ainda traz uma definição do conceito de enredo:

Podemos dizer que, essencialmente, o enredo contém uma história. É o corpo da narrativa [...] Constituir um enredo é começar um jogo. O narrador é um jogador, e forma, com o leitor e o próprio texto, o que se pode chamar uma comunidade lúdica. [...] desenrolar-se um enredo, tal como no exercício do jogo, há a busca do prazer, há tensão, competição, há a máscara, a simulação, pode haver até a vertigem” (MESQUITA, 1989, p. 7-8).

Também, Candido *et al.* (2014) discorre a respeito do sentido de “enredo”:

[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino [...]. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem,

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (CANDIDO et al, 2014, p. 51).

Tendo em vista tais concepções em relação ao conceito “enredo”, compreende-se então, como Mesquita (1989), que o enredo pode estar presente em um romance, novela de televisão, peça de teatro, poema, filme, história em quadrinhos, música, etc. E ainda, é possível complementar que não há como fazer uma separação entre enredo e narrativa uma vez que ambos são desenvolvidos juntos. Para mais, o enredo faz parte do gênero épico, ou seja, do gênero narrativo. Assim, existe certo distanciamento entre o mundo e o narrador da história.

O enredo da obra literária *O filho eterno* é repleto de descrições, retratações nas quais é possível situar o leitor no espaço temporal que a história se encontra. Até mesmo, o autor, Cristovão Tezza, usa de fatos ocorridos no passado para auxiliar na compreensão do leitor sobre fatos do presente.

Tal recurso é bastante utilizado para retratar o porquê de o pai de Felipe estar envergonhado de ter o filho com síndrome de Down, ou ainda apenas para situar e contextualizar o leitor da época em que se passa a história (década de 1980). Um exemplo claro é o uso da palavra mongoloide, bastante utilizada na perspectiva do pai (tanto falada, quanto pensada). “Sim, nasceu meu filho. Sim, está tudo bem. Quer dizer, ele é mongoloide. Não – essa palavra é pesada demais. E em 1980 ninguém sabia o que era “síndrome de Down” (TEZZA, 2009, p. 42).

Outro trecho em que ocorre a mudança temporal é quando o pai começa a lembrar detalhadamente sobre um trabalho de revisão que fez em que era falado sobre a doença do filho. Segundo Brito (2006),

[...] a personagem ao experimentar a dualidade entre os tempos físico e psicológico projeta em seu discurso, imagens precedentes a essas duas temporalidades e intimamente ligadas às suas emoções, já que os espaços recordados também traduzem as emoções íntimas [...] as imagens-lembranças trazem acontecimentos com seu lugar e seu ambiente próprios e assim tempos e espaços indissociáveis surgem na percepção e nas lembranças (BRITO, 2006, p. 78).

Por outro lado, esta modificação temporal não ocorre na produção cinematografia, uma vez que a produção adotou apenas o tempo cronológico dos acontecimentos dos fatos. O tempo, no filme, é contado a partir dos jogos do Brasil nas Copas do Mundo que participou. É

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

a partir de *frames* de jogos e de cenas dos personagens assistindo aos jogos que o espectador entende a passagem do tempo e o crescimento do menino Fabrício ao longo da trama. Em diversos momentos, podemos observar o personagem Beto narrando algo, cenas de jogos aparecem e assim acontece a passagem do tempo. Raras são as vezes que é utilizada a técnica de se colocar explicitamente a data na tela com o ano, por exemplo. Quando este recurso é utilizado no filme, a situação serve para mostrar que os personagens da cena em si estão em outro lugar, como nos momentos em que as personagens vão para o Rio de Janeiro, ou ainda, Florianópolis.

Seguindo os estudos de Massaud Moisés (1984), a respeito do tempo no romance, Brito (2006) menciona que, “[...] o tempo cronológico é o tempo marcado pelo ritmo do relógio, pelas mudanças perceptíveis na natureza [...]. É também um tempo social, já que as relações em sociedade se dão nesse padrão temporal [...]” (BRITO, 2006, p. 11).

Para Samira Nahid Mesquita (2014), o ato da escrita, para o autor, permite uma maior flexibilidade no momento de relatar os fatos, uma vez que constrói, por meio das palavras, um novo mundo para que os leitores possam decifrar e fazer o sentido. Além disso, segundo a autora, “escrever e ler são, pois, operações complementares, solidárias, reciprocamente necessárias e indispensáveis à decifração dos significados que o texto institui enquanto fato estético e enquanto figuração/transfiguração/ desfiguração do mundo” (MESQUITA, 1986, p. 19).

Em *O filho eterno* a narrativa se passa em torno da personagem do menino com síndrome de Down, cujo nome é Felipe. Porém, a trama é desenvolvida a partir da perspectiva do pai – que em momento algum no livro é citado seu nome. Como personagens secundárias, podemos indicar as outras duas personagens que aparecem esporadicamente durante a obra: a mãe e irmã de Felipe (cujas os nomes também não são citados no livro).

No filme, percebe-se o desaparecimento de alguns personagens da trama original (livro) como a irmã do menino que não existe na adaptação cinematográfica, justamente para abrir espaço para outros personagens que darão mais sentido a ficção. Enquanto em um livro pode se ficar por páginas e páginas narrando um acontecimento do ponto de vista de uma personagem só, como uma espécie de monólogo, no cinema, isso precisa ser feito com mais cuidado, pois se acontecer uma perda de interesse do público, o filme está acabado.

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

Desde o início do romance, o pai é descrito com características de sua vida como, por exemplo, “homem distraído” [...] “ele não tem nada” [...] (TEZZA, 2009, p. 9). Já Felipe, antes mesmo de ser visto pelo pai, é chamado pelo seu nome, era visto como: “[...] Nítido como um cavaleiro recortado contra o horizonte” (TEZZA, 2009, p. 24). Depois, o bebê é descrito pelo pai como: “[...] parrudo, grande, forte” (TEZZA, 2009, p. 27). Estas perspectivas citadas (a respeito de Felipe) logo mudam quando é sabido a respeito da condição da criança. Apenas ao final do livro que o pai passa a ver o filho com outros olhos.

Sobre as personagens de um romance, Candido *et al.* (2014) ressalta que,

Os elementos que um romancista escolhe para apresentar a personagem, física e espiritualmente, são por força indicativos. [...] embora não possamos ter a imagem nítida da [...] fisionomia [da personagem], temos uma intuição profunda do seu modo-de-ser, — pois o autor convencionalizou bem os elementos, organizando-os de maneira adequada. [...] A composição estabelecida atua como uma espécie de destino, que determina e sobrevoa, na sua totalidade, a vida de um ser; os contextos adequados asseguram o traçado convincente da personagem, enquanto os nexos frouxos a comprometem, reduzindo-a à inexpressividade dos fragmentos (CANDIDO, 2014, p. 73).

A narrativa do filme trabalha as personagens de forma um pouco diferente do livro. Beto, no início do filme, ainda é alguém que está tentando achar um rumo para a sua vida, transmite felicidade, algo que faz com que nos liguemos à personagem. As características do protagonista vão mudando, uma vez que há o conflito da síndrome de Down envolvida, o que traz um rumo não esperado pela personagem Beto. Ao longo do filme, as falas do protagonista, assim como suas ações, tornam-se cada vez mais ríspidas.

A personagem envolve-se com alcoolismo, traição e desilusão da vida ao longo da trama. Segundo Mesquita (1986),

Assim como a ênfase da motivação conflitiva pode recair no indivíduo, pode também ser posta no contexto social dentro do qual as personagens se situam. As relações entre o trabalho e o capital, a luta pelo prestígio ou pelo poder, as questões de propriedade da terra [...] podem constituir a principal motivação dramática da narrativa (MESQUITA, 1986, p. 29)

A personagem Cláudia (mãe do então Fabrício) é mostrada desde o início do drama como forte e, ao mesmo tempo, aquela que irá acalmar todos ao seu redor. A personagem, no livro, é quase que de nula existência, afinal, não acrescenta algo especial para

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

o desenrolar do acontecimento. Já, no filme, é de extrema importância, pois será Cláudia quem guiará seu filho e Beto ao longo de todo o processo. A atriz Débora Falabella, que interpreta a personagem Cláudia, por muitas vezes é quem conduz o filme.

No que diz respeito ao narrador da ficção, considerando o conceito de tipologia de Norman Friedman, no romance *O filho eterno*, o narrador pode ser descrito como o “autor onisciente intruso”, no qual tem a liberdade de narrar todos os acontecimentos, tendo assim a possibilidade de estar acima, como se fosse uma visão divina.

Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de *fora*, ou de *frente*, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada (LEITE, 2007, p. 27).

Também, este tipo de narrador não possui limites de tempo e de espaço. O narrador/autor ainda consegue descrever os sentimentos e percepções das personagens. Especificamente, no caso deste romance, o narrador está a todo momento pontuando o que o pai está sentindo e, muitas vezes, até faz comentários a respeito da moral da personagem. A análise mental que o narrador faz aqui é de modo indireto, ou seja, ele descreve todos os processos mentais das personagens do romance.

Já na produção cinematográfica, é um pouco diferente. A primeira cena do filme *O filho eterno* mostra o casal Roberto (Marcos Veras) e Cláudia (Débora Falabella) em meio às emoções do Jogo do Brasil na Copa de 1982 e a espera pelo parto do filho do casal. Logo após os créditos iniciais do filme, inicia-se a narração do protagonista Roberto: "O jogo vai começar. O pai, no centro do estádio espera confiante, olha ao redor, apenas o som de suas batidas. Um toque, um chute, um drible. Tudo é novo, tudo é certo. Ouvimos o apito, ele vem, eis o filho da esperança, a arena de sua visão de mundo. Filho...". Durante a frase, dita por Roberto, são mostradas várias e várias imagens da personagem Cláudia em consultas médicas, dos preparativos do casal com a chegada do filho, imagens do jogo do Brasil, etc. Deste modo, nota-se já a presença de outro tipo de tipologia segundo Friedman, o “eu” como testemunha, em que o narrador faz parte da história e está narrando-a.

A frase citada acima é interrompida a partir da primeira cena com diálogo do filme, na qual a mãe (Cláudia) entra em trabalho de parto levando o casal a se deslocar ao

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

hospital. Duas surpresas acontecem neste dia: primeiramente, o Brasil é eliminado e, em seguida, se descobre que Fabrício – filho do casal -, é diagnosticado com síndrome de Down. Segundo Mesquita (1989),

De modo geral, pode-se dizer que a narrativa é o ato verbal de apresentar uma situação inicial que, passando por várias transformações são ocasionadas por acontecimentos, fatos, vivências, episódios, ou, como frequentemente ocorre na narrativa contemporânea, por diferentes estados psicológicos de uma personagem (MESQUITA, 1989, p. 21).

O jogo do Brasil representava, para Beto (apelido de Roberto), uma mudança em sua vida. O escritor e professor já estava há certo tempo sem trabalho definido e tanto o filho quanto a vitória do Brasil na Copa representariam um novo rumo para o protagonista. O ano é 1982 e o Brasil é desclassificado da Copa. Percebe-se, então, um novo rumo na história de Beto, agora a aceitação e o seguir em frente deverão ser o ponto principal da história, o que não acontece tão rápido assim.

Na sucessão de situações e fatos, podem-se distinguir dois planos: aquilo que se narra e a forma como se narra. Corresponderiam respectivamente a história/enredo, ficção/narração ou história/discurso, enunciado/enunciação. “[...] há ainda quem proponha a tríade história, narrativa e narração, em que o primeiro termo seria o conjunto dos fatos narrados; o segundo, o ato de narrar – escrito ou oral -; e o terceiro, a situação dentro da qual esse ato se cumpre” (MESQUITA, 1989, p.21).

Segundo Mesquita (1989), “a ação é pôr em movimento personagens que se relacionam entre si. Como na vida, essas relações podem ser de amizade, de competição, de oposição”. Na adaptação de *O filho eterno*, logo se observa que a relação entre o casal (pais da criança) começa a ficar diferente, mais “fria” com a chegada do filho. A personagem Cláudia, cuja o nome não é citado no livro, é quase que inexistente no romance (como já comentado), porém, no filme, a mãe tem um papel fundamental e é quem guia todos os personagens do enredo da história.

Ao passo que Cláudia tenta seguir em frente com a situação do filho e aceitá-lo como ele é, isso não acontece com o pai de Fabrício. O problema de Beto, como ele fala, precisa ser resolvido e é nesse momento que o pai tenta de diversas maneiras curar Fabrício. Toda esta situação causa conflitos na casa e nas vidas dos personagens. “Com o surgimento

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

de um motivo desequilibrador da situação inicial, começa o processo de transformações que se sucedem até a última, que constituirá o desfecho” (MESQUITA, 1989).

No livro, tal conflito não é relatado pelo narrador. Por outro lado, o pai e a mãe esforçam-se ao máximo para que o filho, Felipe, desenvolva as habilidades de uma criança “normal” tanto é que o casal vai até uma clínica no Rio de Janeiro participar de um programa que visa a estimulação completa e precoce do cérebro das crianças que possuem a síndrome de Down.

Várias vezes por dia, em sessões de cinco minutos, a criança é colocada sobre a mesa da sala, de bruços. De um lado, ele; de outro, a mulher; segurando a cabeça, a empregada, uma moça tímida, silenciosa, que agora vem todos os dias. Três figuras graves numa mesa de operação. De bruços, a face diante da mão direita, que avança ao mesmo tempo em que a perna esquerda também avança; braço esquerdo e perna direita fazem o movimento simétrico de lagarto, sob o comando das mãos adultas, que são os fios da marionete, quando a cabeça é voltada para o outro lado. [...] No programa, é fundamental reforçar a dominância cerebral, isto é, marcar um dos lados do cérebro como o dominante (TEZZA, 2009, p. 96).

O narrador, conhecedor do sentimento do pai, em vários momentos do romance, frisa o quão o sentimento paterno é ausente na vida daquele homem, por exemplo, na citação a seguir: “Ainda não é exatamente um filho. O pai não sabe disso, mas o que ele quer é que aquela criança trissômica conquiste o papel de filho” (TEZZA, 2009, p. 95). Nota-se que, a partir desta citação, o conflito existente no decorrer da narrativa, na qual o pai não aceita Felipe como seu filho e fantasia uma criança “perfeita”. Quando o filho está com dois anos de vida, ele ganha uma irmã. Mesmo com uma filha “normal”, isso não altera o sentimento de incompletude do pai. Tendo conhecimento do futuro, o narrador conta: “Quem precisa de normalidade é o pai, não os filhos, ele pensará anos depois [...]” (TEZZA, 2009, p. 127). A filha é mencionada em raros momentos da obra. Na produção cinematográfica, esta personagem não existe.

Alguns anos se passam, e o pai tem uma nova vida: vive em outra cidade, e se encontra com a família apenas nos finais de semana. Perdendo o contato com o filho, com os seus cinco-seis anos de idade, o pai se irrita facilmente com a criança quando a vê. Além disso, o sentimento de vergonha que o pai tem para com o filho, que aparece em todo o desenvolvimento do romance, é bastante salientado com a volta do pai para o lar. “De novo volta-lhe a antiga sensação de vergonha, que ele imagina superada [...]. Na outra cidade, ele

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

praticamente esquece que tem o filho [...]. Parece que é mais feliz sozinho” (TEZZA, 2009, p. 143-144). Durante o filme é também nítida a vergonha que o pai sente pelo filho, assim como na obra literária. Tal fato é ainda mais visível quando Beto está com o filho na presença de algum estranho.

No filme, ocorre o mesmo, Beto trabalha em Florianópolis por muitos meses, e quando retorna para a cidade onde Cláudia e Fabrício vivem, é para ficar bebendo em bares e aparecendo tarde da noite em casa, ou ainda, ficar o tempo todo de mau humor e maltratando tanto Cláudia, quanto seu filho. Em meio a essas viagens, o protagonista conhece Marina (interpretada por Uyara Torrente e inexistente no livro). Beto e Marina começam um relacionamento baseado em mentiras. Marina sabe que Beto é casado, mas não sabe que Beto tem um filho, afinal, Beto não conta esse detalhe a ela.

A traição de Beto não é em momento algum justificável, mesmo com todos os problemas que Beto estava enfrentando na época. A personagem Marina vai cada vez mais se apaixona por Beto, a ponto de pedir para que o amante se separe de Cláudia e que se mude de vez para Florianópolis. Beto até cogita fazer isso, porém acaba tendo que voltar para sua cidade por motivos de trabalho acabando, assim, seu relacionamento com a amante.

“Só descobriu a dependência que sentia pelo filho no dia em que Felipe desapareceu pela primeira vez” (TEZZA, 2009, p. 161). Tal fato ocorre também no filme, sendo a cena, especificamente, uma das mais impactantes e segura os telespectadores, fazendo se perguntar sobre o que irá acontecer. Fabrício sai de casa sem que seu pai percebesse e, após Beto notar a falta de seu filho, a emoção se torna ponto chave da trama.

Beto grita por Fabrício, mas nada acontece, o pai, claramente desesperado e desamparado por tudo, talvez no pior momento de sua vida, se vê incapaz de continuar na busca por seu filho, afinal, está há horas à procura do menino, que simplesmente desapareceu sem deixar nenhum vestígio.

Apesar do desaparecimento, o pai ainda sente vergonha de descrever como é o filho para as pessoas da rua (fato ocorrido também no livro). Beto grita por ajuda e pergunta para todas as pessoas que encontra, sobre o seu filho. Quando questionado sobre como seria a acriação, Beto responde coisas como a cor de seu cabelo, sua altura, idade, a roupa que o menino trajava antes de sumir. Muitas vezes, o pai simplesmente responde com um “ele é

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

diferente” e, quando questionado novamente sobre o que seria esse “diferente”, o protagonista se exalta e procura outra pessoa para perguntar sobre o filho perdido.

As cenas que seguem essa parte do filme exploram ainda mais sobre o quão envergonhado Beto está por ter um filho com síndrome de Down. Beto desiste após horas procurando seu filho e acaba retornando para casa. Quando lá chega, encontra sua esposa e filho que fora encontrado por policiais, o pai se sente aliviado e é nesse ponto que a relação pai e filho começa a mudar.

Passaram-se anos e o pai continuou com o entusiasmo de estimular a atividade cerebral do filho. E, já no final do livro *O filho eterno*, o pai já se conforma com a condição de Felipe: “[...] o meu filho não é uma criança normal, e cada dia que eu mantiver na cabeça essa normalidade, uma sombra que seja, como modelo e referência, eu serei infeliz, muito mais do que ele próprio conseguiria ser [...]” (TEZZA, 2009, p. 199).

Mesmo com as limitações, Felipe desenvolve uma habilidade para pintura, tendo assim seu próprio ateliê.

No ateliê de pintura que Felipe frequenta o dia inteiro, feliz, duas vezes por semana, a graça do seu traço espontâneo encontra a disciplina das formas, um colorido básico e atraente e algum domínio técnico, de modo que suas telas pintadas com acrílico começam a se tornar um sucesso caseiro e atraem a atenção — todos os meses, orgulhoso, ele mostra a carteira com o dinheiro das vendas, sempre com planos mirabolantes de ficar rico e comprar o mundo; ou, à falta disso, comprar mais uma camisa do Atlético, o que dá no mesmo. Para ele, comprar um carro, um pacote de figurinhas ou uma camisa é a mesma coisa (TEZZA, 2009, p. 211).

O pai agora esboça, entre os ditos do narrador, o sentimento de orgulho do filho artista, por, principalmente, o filho fazer algo que uma pessoa dita “normal” também faria: “[...] pintar seria menos a realização de um projeto pessoal (o que não faz sentido nenhum para a criança eterna, e mais o cumprimento de um papel social, um lugar que se ocupa e que nos define” (TEZZA, 2009, p. 211).

Por outro lado, a adaptação cinematográfica corta a parte em que é explícita no livro sobre como Beto começou a relação com seu filho. O filme deixa que seu espectador compreenda sozinho e interprete da sua própria maneira os acontecimentos que seguiram o pai e o filho. O filme dá um salto temporal para 1994 (novamente um jogo do Brasil em uma Copa do Mundo).

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

Desde a primeira cena do filme, quando mostra o Brasil jogando na Copa de 1982 (e posteriormente perdendo), o país nunca mais tinha ganhado um campeonato, e é nesse ano que a situação viria a mudar. Ouve-se barulhos na porta, Beto entra em cena e cumprimenta Cláudia e seu filho. Pelo tratamento que os personagens têm um com o outro, subentende-se que aconteceu a separação do casal. Cláudia traz seu filho que está animadíssimo para assistir ao jogo de futebol. O filho ficará ali na casa de seu pai por alguns dias. Cláudia se despede de Beto com um abraço e diz, ao seu filho, que tudo ficará bem e que também sentirá saudades. Cláudia não aparece mais no filme.

A cena que segue mostra o menino Fabrício assistindo e cantando o hino nacional antes da partida de futebol. Beto está trabalhando em um novo livro, o ano é 1994 e, em vez de uma máquina de escrever, observa-se o uso do computador. Fabrício chega e convida seu pai para assistir ao jogo que logo em seguida é rebatido com “Você sabe que o papai não assiste mais futebol” (novamente retornando à noção de que o jogo de 1982 foi uma perda da vida de Beto).

O pai cede e vai até a frente da televisão. Pela primeira vez na história do futebol, o ganhador da Copa do Mundo seria descoberto a partir dos pênaltis. A cena que segue é de tensão e vai mostrando imagens reais do jogo de 1994 que se tornaria histórico. O Brasil se tornava o primeiro país a ser quatro vezes campeão da Copa do Mundo. Beto e Fabrício se abraçam, choram e comemoram, aquele momento representava a primeira vitória do Brasil desde que Fabrício nasceu e o novo recomeço que Beto procurava desde 1982.

Imagens de balões verdes e amarelos em meio às bandeiras e gritarias se misturam à narração de Beto, a mesma narração do início do filme, "O jogo vai começar. O pai, no centro do estádio espera confiante, olha ao redor, apenas o som de suas batidas, tudo é novo, tudo é certo, um toque, um chute, um drible. Ouvimos o apito, ele vem, eis o filho da esperança, a arena de sua visão de mundo, eis o filho, eis o pai. Nenhum dos dois têm a mínima ideia de como isso irá acabar, e isso é bom!" A frase estava completa. “[...] Nenhum dos dois têm a mínima ideia de como isso irá acabar, e isso é bom!” (TEZZA, 2009, p. 222). E é desta forma, com a última frase idêntica que tanto o filme quanto o livro terminam.

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA (2016)*.

4 Considerações finais

Considerando as dessemelhanças e similaridades entre as obras analisadas neste artigo, referentes à obra impressa e a produção fílmica de *O filho eterno*, é possível constatar que ambas as produções têm a mesma premissa: relatar a relação, os desafios e a aceitação de um pai que tem um filho com síndrome de Down. Por outro lado, constata-se que algumas estratégias e aspectos da obra literária não são utilizados no filme, por se tratar de uma narrativa rápida, em que o principal objetivo é manter o telespectador focado no que está sendo mostrado na tela e que possui suas próprias particularidades.

Há que se ressaltar, também, que, se por um lado, a focalização da obra escrita é conduzida especificamente pelo autor, seguindo suas intencionalidades; a adaptação fílmica considera também aspectos do mercado e é produzida de forma coletiva, uma vez que os sentidos são criados por outros elementos além dos signos verbais, como a edição de vídeo, a entoação das personagens, as estratégias de filmagem, entre outros elementos.

Ambas as produções possuem suas particularidades e sua importância embora partam de uma mesma premissa. Em outras palavras, é possível concluir que cada uma, de seu modo, tem o mesmo papel social: mostrar a perspectiva de um pai, despreparado, que tem um filho com uma deficiência em que, naquela época – e ainda nos dias atuais -, era estigmatizada. A análise realizada, mostrando e pontuando os aspectos do livro e do filme, mostra-se importante, pois exemplifica as diferenças entre dois modos de se contar uma mesma história fictícia.

REFERÊNCIAS

BRITO, V. M. M. L.. **A personagem e o tempo**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2006.

CABRERA, A. P.; ALÓS, A. P. Literatura comparada e outras mídias: uma visão de luz e sombras na poética inteartres de William Blake. In: **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais** Julho-Dezembro de 2016, Vol.13, Ano XIII, nº 2. 2016. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF38/Artigo_3_%20secao_livre_Ana_Paula_Cabrera_e_Anselmo_Peres_Alos_Fenix_Jul_Dez_2016.pdf. Acesso em 08 fev. 2020.

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano; SILVA, Renan Fabrício Lorenzatto da; BINI, Renan Paulo. *O FILHO ETERNO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA LITERÁRIA (2007) E DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA* (2016).

CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. A.; GOMES, P. E. S. **A personagem de ficção**. 13 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARREIRA, S. S. G. A Literatura Comparada como instrumental para o cumprimento das leis 10.639 e 11.645. In: **Revista Australirica**, Vol. 1, N° 1, fevereiro de 2015. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=2ahUKEwjLvaWJj8feAhWqs1kKHaTeCOkQFjAHegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Frevistascientificas.ifrj.edu.br%3A8080%2Frevista%2Findex.php%2Faustralirica%2Farticle%2Fdownload%2F440%2F290&usg=AOvVaw1sj4O9--jck0II9vINkLb1>. Acesso em 05 fev. 2020.

CARVALHAL, T. F. Literatura comparada. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MESQUITA, S. N. **O enredo**. São Paulo: Ática, 1986.

REBELLO, L. S. Literatura Comparada, Tradução e Cinema. In: **Revista Organon**. v. 27, n. 52, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33475/21348>. Acesso em 16 out. 2019.

TEZZA, C. **O filho eterno**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Recebido em 05/03/2020
Aprovado em 22/05/2020